



Notas introdutórias ao *Hino da Independência do Brasil* (ms. IHGB), de D. Pedro I

Alberto Pacheco*

Resumo

Texto introdutório à edição crítica do *Hino à Independência do Brasil*, de autoria de D. Pedro I do Brasil, IV de Portugal (Queluz, 12 de outubro de 1798 – 24 de setembro de 1834), com base no manuscrito original sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Oferece a descrição da fonte e notas críticas.

Palavras-chave

História luso-brasileira – século XIX – hino – D. Pedro

Abstract

Introductory text to the critical edition of the *Brazilian Independence Anthem*, by Pedro I of Brazil, IV of Portugal (Queluz, October 12, 1798 – September 24, 1834), on the basis of no original manuscript under the guard of the Brazilian Historic and Geographic Institute. Provides a description of the source and critical notes.

Keywords

Luso-Brazilian history – 19th century – anthem – D. Pedro

É bem conhecida a vida do estadista D. Pedro I do Brasil, IV de Portugal (Queluz, 12 de outubro de 1798 – 24 de setembro de 1834). Da mesma forma, sua importância na história luso-brasileira é atestada por qualquer manual escolar. Sua atuação musical, por outro lado, acabou sendo eclipsada por sua atividade política e, ainda, aguarda para ser avaliada e estudada de forma exaustiva. Neste contexto, esta edição crítica de seu *Hino à Independência do Brasil* pretende ser uma contribuição para conhecermos melhor a obra musical desta importante personagem.¹ É de se ressaltar que D. Pedro conseguiu muito sucesso na produção de música patriótica e não resta dúvida que os seus quatro hinos patrióticos são suas composições mais influentes e longevas:

* Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. Endereço eletrônico: apacheco@post.com.

** Artigo recebido em 8 de julho de 2013 e aprovado em 8 de agosto de 2013.

¹ Uma biografia musical extensa pode ser consultada em Pacheco, Alberto José Vieira. "D. Pedro I do Brasil, IV de Portugal". In: *Dicionário Biográfico Caravelas*. Lisboa: Caravelas, 2012. Disponível em http://www.caravelas.com.pt/dicionario_biografico_caravelas.html



Hino [a D. João], 1817.

Hino Constitucional ou da Carta, 1821.

Hino à Independência do Brasil (ou Imperial e Constitucional), c. 1822.

Hino Novo Constitucional (da Amélia, ou de D. Pedro IV), 1832.

A esse conjunto poderíamos incluir ainda o *Hino maçônico brasileiro*. No entanto, apesar de ser conhecida a relação de D. Pedro com a maçonaria, não há consenso acerca do autor da música e da letra do referido hino. A pouca circulação de documentos referentes a essa sociedade fechada e secreta torna difícil o acesso a qualquer informação, não tendo sido possível consultar qualquer partitura. Na verdade, o pesquisador maçônico Rodolfo Rup² afirma que a fonte musical mais antiga localizada é uma publicação de 1936, demasiadamente tardia e sem qualquer indicação de autor.

A fonte manuscrita mais antiga do *Hino à Independência* é aquela guardada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no Rio de Janeiro. Ela foi doada a essa instituição, em 1861, por Francisco Manuel da Silva (1795-1865), que garantiu ser a partitura um autógrafo, fato que permanece sem confirmação. A presente edição foi elaborada a partir desse documento.

E, como nos lembra Lino de Almeida Cardoso,³ a fonte impressa mais antiga está entre os primeiros produtos da imprensa musical brasileira; a publicação é intitulada *Hymno Imperial e Constitucional*,⁴ o que mostra a estreita relação da composição com os movimentos liberais constitucionais. O mesmo pode ser dito a respeito do poema que deu origem ao hino, pois foi originalmente publicado com o título de *Hino Constitucional Brasiliense*.⁵ O texto é do jornalista, político e poeta brasileiro Evaristo Ferreira da Veiga⁶ (1799-1837), escrito no Rio de Janeiro, a 16 de agosto de 1822:

¹ Rup, Rodolfo. “O hino maçônico brasileiro”. Texto disponível em <http://www.samauma.biz/site/portal/conteudo/opinioao/rio009hino.html>.

² Cardoso, Lino de Almeida. “Subsídios para a gênese da imprensa musical brasileira e para a história do *Hino da Independência*”, de Dom Pedro I^o. *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 25, 2012.

³ *Hymno Imperial e Constitucional composto por S. M. I. o Senhor Dom Pedro 1^o*. In: Walsh, Robert. *Notices of Brazil in 1828 and 1829 by the Rev. R. Walsh*. 2 vols. Londres: Frederick Westley and A.H. Davis, 1830 (v. 2, p. 533). Disponível em <http://purl.pt/17201>.

⁴ O manuscrito encontra-se na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/Divisão de Música. A versão impressa mais antiga que foi possível consultar é *Hymno Constitucional Brasiliense*. Rio de Janeiro: Typographia do Diário, 1822. (BR-Rn, cota DIORA 248, 4, 7 n. 15).

⁵ Este poeta é autor do texto de outros hinos como o *Hymno do batalhão do imperador*, *Hymno Marcial*, *Hymno brasiliense*. In: 1. Moraes Filho, Mello. *Serenatas e saraus*: collecção de autos populares, lundús, recitativos, modinhas, duetos, serenatas, barcarolas e outras produções especialmente brasileiras antigas e modernas. Com uma nota explicativa dos assumptos de cada volume por Mello Moraes Filho, vol. III Hymnos / modinhas diversas. Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier, 1902 (P-Ln, cota L. 10234 P.). 2. Silva, Joaquim Norberto de Sousa e. *A cantora brasileira*: nova collecção de hymnos, canções e lundús tanto amorosas como sentimentais precedidas de algumas reflexões sobre a musica do Brasil. Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier, s/d.; e 3. *Independência ou morrer*. Rio de Janeiro: Typographia do Diário, 1822 (BR-Rn, cota DIORA 248, 4, 7, n 11).



- 1 Já podeis filhos da pátria
Ver contente a mãe gentil
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brazil.
- Refrão Brava gente brasileira
Longe vá temor servil
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brazil.
- 2 Os grilhões que nos forjava
Da perfídia astuto ardil,
Houve mão mais poderosa,
Zombou dêles o Brazil.
- 3 O Real Herdeiro Augusto
Conhecendo o engano vil,
Em despeito dos tiranos
Quis ficar no seu Brazil.
- 4 Revoavam sombras tristes
Da cruel guerra civil,
Mas fugiram apressadas
Vendo o anjo do Brazil.
- 5 Mal soou na serra, ao longe,
Nosso grito varonil,
Nos imensos hombros, lógo,
A cabeça ergue o Brazil.
- 6 Filhos! Clama, caros filhos!
É, depois de affrontas mil,
Que, a vingar a negra injuria,
Vem chamar-vos o Brazil.
- 7 Não temais impias phalanges
Que apresentam face hostile:
Vossos peitos, vossos braços
São muralhas do Brazil.



- 8 Mostra Pedro á vossa frente,
Alma intrépida e viril!
Tendes n’elle o digno chefe
D’este imperio do Brazil.
- 9 Parabéns, oh! Brasileiros!
Já, com garbo juvenil,
Do universo entre as nações
Resplandece a do Brazil.
- 10 Parabéns! Já somos livres!
Já brilhante e senhoril
Vai juntar-se em nossos lares
A Assembléa do Brazil.

As partituras costumam trazer apenas as quatro primeiras estrofes (além do refrão), mas nada impede que a música seja aplicada às outras. A tradição consagrou a ideia de que a música teria sido composta no 7 de setembro de 1822. No entanto, muitos autores têm posto a data em cheque. Tem sido também bastante polemizada a precedência histórica desse hino em relação ao hino, com mesmo título e poema, composto por Marcos Portugal (1762-1830). Ayres de Andrade,⁷ por exemplo, não confirma qual teria sido o hino mais antigo, mas comprova que o de Marcos Portugal teria sido o primeiro a ser cantado no Rio de Janeiro. Afirma também que, nas primeiras décadas, o hino do maestro teria ficado associado aos festejos de independência, enquanto o hino do imperador teria sido usado como o “Hino Nacional” nos outros eventos, pelo menos até 1831, quando começou a sofrer a concorrência do atual hino nacional brasileiro.⁸ Por sua vez, Cardoso (2012, p. 43) quer crer na precedência histórica do hino de Marcos Portugal. Não vamos entrar neste debate, pois não seria possível acrescentar agora nada de concreto. Seja como for, no que diz respeito a esta edição, uma breve precedência histórica de um ou de outro hino é menos relevante que a obra em si mesma.

⁷ Andrade, Ayres de. *Francisco Manuel da Silva e seu tempo*. 2 vols. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, v. 1, p. 158.

⁸ Novas informações reunidas por Cardoso (2012, p. 43) mostram que o hino de D. Pedro atravessou “o século XIX coexistindo com outras melodias nacionais”. Importante ressaltar que em 1862 o hino de D. Pedro ganharia grande relevo nas celebrações da inauguração da estátua equestre do imperador no Rio de Janeiro como mostra a edição *Hymno da Independencia do Brazil composto por S. M. I o Sr. D. Pedro I Reduzido da Partitura Original para piano por Francisco Manuel da Silva*. Rio de Janeiro: Imperial Imprensa de Música de Filippone e Tornaghi, [1862] (BR-Rn, cota Império - F-III-41). Essa publicação é o volume 16 de uma série feita em comemoração à inauguração da estátua equestre de D. Pedro.



A composição de D. Pedro é ainda hoje o *Hino da Independência* oficial do Brasil. Já à beira do seu bicentenário, o hino sofreu alguns ajustes e adaptações na música e texto. A versão oficial pode ser consultada no *site* do Governo Brasileiro: <http://www2.planalto.gov.br/presidencia/simbolos-nacionais/hinos>. Vê-se que, no que diz respeito ao texto, permanecem em uso somente o refrão e as estrofes 1, 2, 7 e 9. Não há grandes modificações, salvo o primeiro verso do poema, que é ligeiramente alterado para “Já podeis da pátria filhos”, provavelmente num esforço de melhorar a relação prosódica entre texto e música, ou numa tentativa de evitar eventuais trocadilhos de baixo calão que o original poderia sugerir. Como era de se esperar, as estrofes omitidas são as mais conjunturais e se referem, por exemplo, à elaboração de uma constituição brasileira, ou ao fato de D. Pedro ter decidido ficar no Brasil, a despeito de ordem contrária vinda de Portugal. A escolha de algumas estrofes em detrimento de outras realmente desloca o texto da realidade histórica em que foi escrito e o coloca num plano de atemporalidade tão caro aos símbolos nacionais.

Por sua vez, a música sofreu vários ajustes, o que já é notado por Cardoso (2012, p. 43). Basta comparar o hino aqui editado com qualquer gravação ou partitura mais modernas para serem vistas as modificações, tanto na parte instrumental quanto vocal. Este fenômeno de ajuste, simplificação ou modernização também foi aplicado a outros hinos e, muitas vezes, tem como objetivo tornar a música mais acessível ao grande público. Contudo, é bom ressaltar que algumas alterações na disposição do texto estão relacionadas com tentativas de sanear “problemas” de prosódia. Na verdade, desvios ou tensões entre os acentos textuais e os musicais são típicos do cancionário da época.⁹ No caso específico dos hinos, a frequente acentuação de tempos francos e os eventuais desvios prosódicos resultantes (por exemplo, no compasso 14) são uma característica do gênero em questão,¹⁰ não podendo ser considerados simplesmente como “erros”. Seja como for, tantas alterações contribuíram para afastar o hino de seu estilo e sonoridade originais e a presente edição crítica pode ser vista como uma espécie de “restauração” da obra.

Antes de mais, é preciso dar um alerta. Os hinos nacionais brasileiros seguem regras de execução que precisam ser respeitadas, e somente as versões oficializadas pelo governo brasileiro podem ser executadas em eventos cívicos. Portanto, a presente edição, mais do que se configurar como uma partitura para execução, pretende facilitar o acesso às origens de um dos mais executados hinos nacionais

⁹ Para mais informações ver Pacheco, Alberto José Vieira. “A Modinha estrófica: questões sobre sua interpretação e edição”. In: Valente, Heloísa de A. Duarte; Coli, Juliana (orgs.). *Entre gritos e sussuros: os sortilégios da voz cantada*. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 83-96.

¹⁰ Um texto que busca tipificar os hinos luso-brasileiros está em vias de ser publicado pela *Revista Hodie*, com o título “Os hinos de D. Pedro I e Marcos Portugal: em busca de paradigmas”. O texto é uma parceria deste autor com o colega Rui Magno Pinto.



brasileiros. Esse esforço é ainda mais justificado se tivermos em conta que o manuscrito original se encontra indisponível para consulta, guardado que está no cofre do IHGB. Na verdade, a este editor, foi facultado o acesso somente às fotos do referido manuscrito. Consequentemente, por falta de melhor opção, a presente edição foi elaborada a partir dessas mesmas reproduções fotográficas. Seja como for, essa patente dificuldade de acesso ao manuscrito torna a publicação ainda mais relevante e necessária.

DESCRIÇÃO DA FONTE

IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro), cota: lata 987, pasta 8.

Reprodução fotográfica de música manuscrita. O documento original encontra-se em cofre do mesmo arquivo e indisponível para consulta.

Grade orquestral com voz.

Páginas de rosto: 1ª) Hymno / Á Independencia do Brazil / posto em musica para canto e grande Orchestra / por / S. M. I. / O Senhor D. Pedro 1º / Offerecido ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro / em sessão de 22 de Novembro de 1861, pelo Maestro / Francisco Manuel da Silva / José Vieira Fazenda; 2ª) Authographo / do / Senhor D. Pedro 1º

11 páginas

Antigo proprietário: Francisco Manuel da Silva

EDIÇÃO CRÍTICA

As notas críticas seguem o seguinte formato:

Ins. C n, texto explicativo.

“Ins.” indica o instrumento em questão

“C”, em números arábicos, informa o compasso

“n”, em números romanos, indica a posição da nota no compasso, desconsiderando pausas.

Exemplo:

“Ob.I 10 ii” informa “Primeiro oboé, compasso 10, segunda nota”.

O texto poético teve sua ortografia totalmente modernizada, uma vez que não implicava em mudanças de pronúncia.

Os sinais de dinâmica foram sempre generalizados para instrumentos de mesma família. Salvo este caso específico, o editor reproduziu fielmente a dinâmica indicada na fonte.



Notas críticas:

Ob.I 19 xii; bequadro inserido conforme a harmonia

Fg. 26 *staccati* inseridos conforme os compassos anteriores

Vln.I 28 viii Mib no original; alteração em acordo com a voz e com os outros instrumentos

Vln.I 28 ix Ré no original; alteração em acordo com a voz e com os outros instrumentos

Abreviaturas

Bm. – Bombo

B. – Basso

Cl. – Clarinete

Cln. – Clarim

C. R. – Caixa de rufo

Fag. – Fagote

Fln. – Flautim

Ob. – Oboé

Req. – Requinta

Trb. – Trombão

Tpa. – Trompa

V. – Vozes

Vln. – Violino

Vla. – Viola

Siglas

BR-Rn – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/Divisão de Música

P-Ln – Biblioteca Nacional de Lisboa/Divisão de Música

ALBERTO JOSÉ VIEIRA PACHECO é tenor solista especializado em música antiga, pesquisador em práticas interpretativas e musicólogo. Doutor e mestre em música pela Universidade Estadual de Campinas, como bolsista da Fapesp, cujas teses foram publicadas como livro: *O canto antigo italiano* (Annablume, 2006) e *Catrati e outros virtuosos: a prática vocal carioca sob influência da corte de D. João VI* (Annablume, 2009). Autor de diversos artigos em revistas científicas com arbitragem, livros e coleções de ensaios; e coordenador/editor do *Dicionário Biográfico Caravelas* http://www.caravelas.com.pt/dicionario_biografico_caravelas.html. Foi investigador colaborador do Cesem na Universidade Nova de Lisboa, onde realizou seu pós-doutoramento sobre o tema “O repertório de obras dramático-musicais ocasionais em Portugal e no Brasil entre 1707 e 1834”, como bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT).